

FERRADOSA.—O Rio Douro e a ponte do caminho de ferro

Phot. M. Monteiro.

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela

DIRECTOR

r. Francisco de Souza Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR E EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

### Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias — Um anno 3\$000

Semestre 1\$500. Trimestre 750, rs.

Na cobrança feita pelo correio ou pelo entregado  
acresce o importe das despesas

Extrangeiro—Um anno, 3\$600.

Numero avulso, 80 reis



# CAPAS PARA OS COLLECIONADORES DA 'ILLUSTRAÇÃO CATHOLICA,'

Temo-las já impressas, a 440 réis

## Monte-Pio do Clero Secular Portuguez Successor da Veneravel Irmandade dos Clerigos Pobres de Lisboa

O clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'ete Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos morador na Avenida Fontes Pereira de Mello, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

- 1.º Certidão d'idade, devidamente reconhecida por notario.
- 2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não soffre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).
- 3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas d'Oliveira residente na rua de 5 de Outubro, n.º 80 em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Laranjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Afonso do Paço, capellão da Misericórdia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Manuel do Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

OS referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissoes, recebem as quotas, pagam subsidios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocção; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejarem consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos melhores e com abatimento de 20 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no referido jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fóra de Lisboa.

## FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

### *Casa do Cantinho*



Largo de S. João do Souto  
**BRAGA**

Estabelecimento mais antigo  
e acreditado n'este genero

# VAGO

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

**BRAGA**

Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos  
para o curso dos Lyceus, Commercial e  
Instrucção Primaria..

## Estampas

para a enthronização do S. Coração de Jesus.  
Impressas finamente a duas côres. Cada exemplar, 60 réis.  
Pelo correio, 65 rs.

Pedidos á administração dos «ECHOS DO MINHO»  
**BRAGA**

# VAGO





# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica



Proprietario, Joaquim A. Perelra Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Velloso

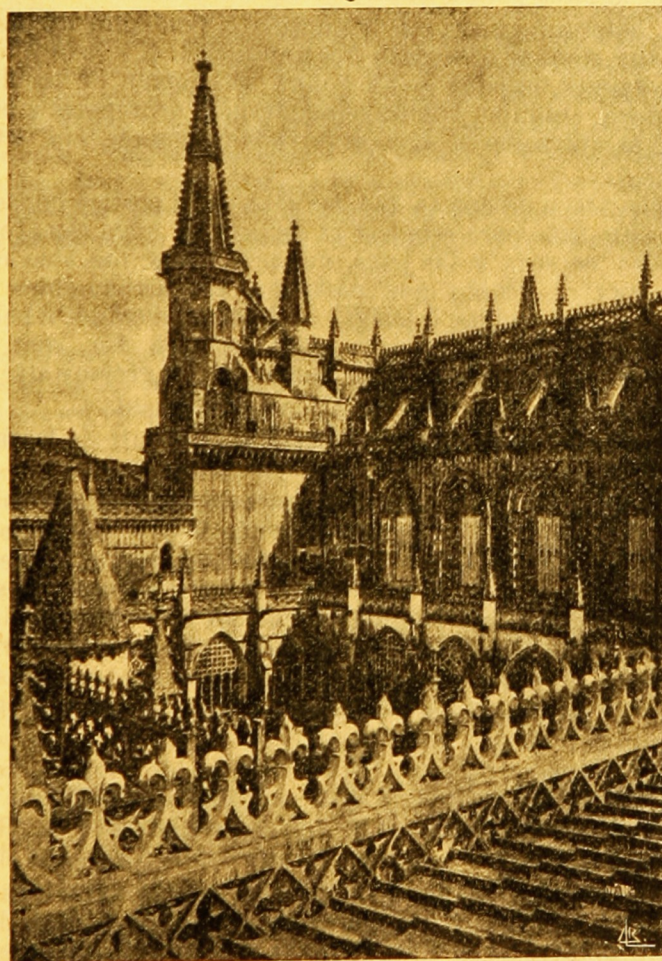
EDITOR E ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Pelxoto.

Braga, 10 de Novembro de 1917

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 228—Anno V



Batalha.—Os claustros vistos d'um terraço



# CHRONICA DA SEMANA

## Os cyprestes riem . . .



Seleições feitas, eu passo hoje, por cima d'ellas, attento que os apuramentos não terminaram á hora a que estou a escrever. E como ainda não se me dissipou a grave impressão funebre que do quadro da vida nacional se desagrega — escuros tons de mau presagio, afogando a massa estúpida dos decrepitos d'alma e dos negociadores sem ella — d'ahi venho a cahir n'um outro scenario, funebre na significação e no rótulo, muito embora com o seu quê de ridiculo gritante !

Sexta-feira á tarde, os dois grandes cemiterios da cidade á cunha. Sei-o, não porque os visittasse n'esse dia, mas porque vi cá de fóra os seus largos portões gradeados deglutindo a onda heterogenea do anjo publico. Era um bello dia d'outono. Sol vivo n'um céu de limpidissimo azul, muito lavado pela frescura das brisas, como sóe escrever-se á respeito d'estes céos em casos taes. Os cyprestes perfilavam se distinctamente nas paysagens, com toda a sua seriedade de arvore luctuosa, ou, talvez melhor, com a sua verticalidade de sobrecasaca vêrde-escura le convidado a enterro de honrado capitalista ou barão de qualquer coisa. Quem trouxe o cypreste para os cemiterios — não ha duvida que tinha o golpe de vista de um bom agente funerario. A nota de silencio tumular que a sua presença faz vincar, cáe tão bem na campina romana, demarcando o local dos jardins sumptuosos que o gladio da ruina imperial, apagou, como o vento apaga as pegadas nos intérminos areas da beira-mar ; como nas necrópoles grandiosas de Florença, nos Campos santos das cidades, e nos rusticos recantos onde piedosas as populações aldeãs vão resguardar os despojos dos que fugiram do calor brando das lareiras para a nupcia geláda do além.

O cypreste porém, leitor amigo, dá-nos a impressão symbolica da piedade do povo cujos mortos elle protege com a sua sombra decantada nos annuncios. E é assim que nas aldeias, a arvore amiga das aves de mau agouro, espalha sempre uma serenidade de recolhimento ou reflexão espirittual de saudade gratissima; sublinha admiravelmente nas necrópoles a estranha impressão d'essas cidades brancas em que as evocações se abraçaram aos marmores, em attitudes de assombro, ante o mysterio !

Mas o cypreste diz-nos tambem (e tão bem!) todo o postigo conselheiral das madamas que vão em dia de fiéis, ao cemiterio para estadear as pellicas da nova estação invernal, a compostura e arrepanhado dos vestidos de sêda e das joias, nos seus *autos*, nas suas carruagens, e até nos seus electricos; aponta-nos para os grupos que passeiam nos arruamentos a remirar entre causticos dichotes, os enfeitamentos das campas e jazigos de fulanas, cicranas e beltranas. A visita aos cemiterios é então uma praxe e nada mais, sem caridade, sem dôr, sem pungimento, e ouve—um maldizente, é claro! —quem indicando-me certo merciante por grosso e atacado : casquinasse atrevido:

—Olha lá, sabes o que elle vai murmurar deante do epitaphio ?

Isto: «venho-te agradecer, meu bom velhóte, a esperta arte de fazer subir o preço ao assucar, ao arroz e ao bacalhau!»

Este anno não sei se houve o costumado cortejo dos *defensores* ao mausoleu das victimas do 31 (não confundir: é o de revolta precursora!) Se não houve, foi só por excepção ou por falta de tempo, visto como o auferimento de lucros com as subsistencias, as viagens á estranja e as *pensões* restantes não deixam de vago dois segundos para distrahir a attenção das profundas questões nacionaes. Quem sabe, leitor e povo ditosissimos, quem sabe a falta que faria na capital ao Buiça e ao Costa, d'esta vez, o respectivo discurso do sr. presidente da republica, recommendaçãoosinha certa ás benevolencias do diabo no meio do inferno. As queixas que as almas dos dois *libertadores* não faziam no meio do inferno á não menos *libertadora* alma de França Borges! . . .

No Repouso a animação excedeu todas as marcas. Bailou-se, comeu-se, e vendeu-se. Só faltou a banda dos bombeiros, duas pipas roliças e fogo do Castro de Vianna, com cópinhos de côres no arraial. E ninguem se escandalisou, pois está visto! a vida são dois dias e aquillo tudo, os mortos, a concorrência (tente para o anno o Caldevilla metter os Puertollanos no Repouso, em dia de defunctos!) puxava á anedocta. Ahí vae uma, ouvida do commentador áspero de ha pouco :

—Móra ahí não sei onde, na cidade, certo homem tão divorciado da letra redonda como apêgado aos lucros do negocio, que tomou originalmente o apellido *Dança*, do primeiro marido da viuva com quem casou. Ora uma vez que uma cunhada lhe morrêra, mandou elle ao filho o seguinte telegramma: — *Tia morreu teu pãe Dança*.

Como ha-de o cypreste ser sério deante de taes quadros e facécias? O cypreste descompõe-se. O cypreste ainda quer manter-se sério, mas não póde, e para não rebentar do esforço, transmuda a sua verticalidade severa de guarda municipal do cemiterio, n'um traço de caricatura. Fica apenas uma arvore de scenario de theatro, insensível até á magia das ultimas tardes de outomno em que o sol tem desdobrado nos mysterios do espaço maravilhosas tapeçarias de oiro, purpura e cobalto. . .

F. V.



# Vida intensa

POR J. DE FARIA MACHADO.

Retalhos.



Italia vive as suas horas mais inquietas. Uma onda d'incerteza torva como uma sinistra maré de lodo, varre o paiz do norte a sul. A França mandou-lhe pressurosa, n'um zelo sollicito d'irmã, as suas melhores tropas. Os vencedores do *Marne*, os heroes de *Verdun*, enfileiram ao lado dos exercitos de Cadorna n'um instante de surpresa tragica, de surpresa colhidos pela aza sinistra da aguia infernal dos austros-allemaes. E vão de novo triumphar! Vão refazer o perdido, restabelecer com bravura, as perdidas posições. O panico vae gerar a gloria, vae empurrar para o triumpho, esses exercitos que já conhecem o sol da victoria, que já ouviram os clangores do triumpho e a força moral, a epica auctoridade dos que salvaram a França, nas horas d'epopeia do *Marne*, vae salvar a Italia tambem. Cadorna ha-de vencer. A alma d'uma nacionalidade não se domina com as *fogeneos* destruidores e Veneza, a romantica maravilha dos palacios e dos canaes, das gondolas e das serenatas, com as suas egrejas onde ha poemas de frescos sublimes, os seus casarões onde ha rendas de pedra, e que é o romantico janello onde a alma d'essa grande patria se debruça febril, não cahirá nas garras dos Hadesburgos. Seria monstruoso e sobre esse povo ousado e mau que não conhece o bello e não respeita a fraqueza, cahiriam infernaes, malditas, mais do que as imprecações d'uma nacionalidade ferida—as maldições revoltadas de todos os artistas, de todos os homens de coração. . . .

Veio, indignado um leitor curioso, porque eu trouxesse a publico as infamias, os vandalismos que em Montariol se tem commettido n'estes desvairados sete annos, e diz-se catholico o pittoresco leitor. . . E diz-se homem de senso e boa opinião, a creaturinha destrambilhada e imbecil, que firma aquellas quatro perfidias.

Não gostou que a publico viessem as barbaridades commettidas n'aquelle refiro de piedade, porque julga conveniente, na hora incerta em que vivemos, que se esqueçam os aggravos antigos e porque pensa na sua ingenuidade ou na sua perfidia, que um dia tudo se reparará. . . que é necessario esquecer, que é preciso, affirma logo conselheiral e pomposo—porque o Accacio não morreu—que é preciso *limar todas as arestas, cortar cerce, todas as razões de discordia*. . . Phenomenal criterio o d'este anonymo palrador.

Não, repetirei com nojo. Que não toquem n'aquellas pedras, que não soergam aquelles escombros. Aquellas ruinas devem ficar através do tempo como vivo testemunho d'uma quadra sinistra de desvario, como expressão d'um regimen de tyrannia, —padrão miserando d'uma intransigencia que vexa, pesando, repesando lama e vergonha, sobre proselytos desvairados d'um ideal que só soube destruir, d'um regimen que só pode subverter.

Aquellas ruinas devem perdurar, porque mais do que um montão d'escombros são uma pagina d' historia, pagina sinistra e cruel, que n'um parentesis de vergonha, se intercalou na historia gloriosa d'um povo.

Tenho aqui ao meu lado o livro do paladino. D'elle fallarei em breve que é obra para ser pensada e repensada. Não me cega a amisade, não me desvaira a admiração com que olho sempre, essa admiravel figura antiga, esse character andante e cavalheiresco, que é toda a expressão d'uma nacionalidade, tentando faze-la sahir do pantano onde boia ha sete amargos annos. O livro do grande portuguez que é Henrique de Paiva Couceiro, merece ser meditado, porque é a obra consciente de quem muito amando a sua terra lhe procura sollicito, remedio para seus males. Não é a obra d'um theorico doutrinando do remanso do seu gabinete, principios e theorias. É a obra d'um soldado que quer completar a tarefa da sua espada, que ha-de fatalmente redimir. É o grande emigrado, que já mostrou como sabia vencer, dando o melhor do seu sangue e do seu esforço n'essa Africa longinqua, vem-nos mostrar agora como saberia administrar.

O soldado cede logar ao pensador. O mesmo braço que galhardamente brande a espada para destruir, tem egualmente energia para edificar. . . E são. . . tão poucos esses braços! . . .

## Outros tempos

POR F. D'ALMEIRIM.

A peça de oito mil reis



FALTAVA apenas ao que veio depois a sêr o Capellão da fidalga Casa de M., ter os seus papeis em regra para tomar ordens. Mas quê?

Rude, muito rude mesmo, quadrado no arcaboço physico e no desenvolvimento mental, elle não fizera um exame, não prestára sequer uma prova admissoria. E arriscava-se a não poder entrar enfim nos quadros do clero da archidiocese.

Creára-se por alli, entre a rudeza dos fraguêdos estereis, entre as urzes, o rumor profundo e bravo das cheias, lá ao fundo, no rio apressado, as tempestades chicoteantes das invernias nevadas, as soalheiras tremen-



das que resécam as gorjas, estancam os debeis veios das fontes e ahi, pelo sol alto, amarás-mam como n'uma suspensão de respiro, as coisas da paysagem e os animaes a gritar nos estábulos por uma gotta d'agua ao menos!

D'este modo elle havia de ser apenas um bloco, um pedregulho! E já n'esse tempo se arreceava apresentá-lo a gente polida. Esse tempo! Assim se recrutava a milicia fonsurada de Christo!...

Certo é que o nosso homem corria o risco de não ingressar n'ella por não ter em ordem os seus papeis, faltavam-lhe sobretudo a certidão dos exames!

Até que alguém, conhecedor dos cordelinhos burocraticos, uma vez que o P.<sup>e</sup> João se lastimava exasperado, lhe sugeriu:

— Tu vaes a Braga, e podes arranjar tudo n'um instante.

— Como?

— Procura F. (1). E' um jogador incorregivel; estafa o que tem na jogatina. Entendes-te com elle, heim? Levas uma peça de 8 mil reis e elle, como morre por dinheiro, passa-te uma certidão. Percebeste? Tu dás-lhe a peça e elle entrega-te uma certidão falsa...

— Está dicto, mas has-de vir commigo,

O outro accedeu.

No dia seguinte, a cavallo, sahiram de madrugada, passaram a Amarante, depois em Guimarães; e de noite entraram na que foi, haverá seculos, talvez, a Roma portugueza.

Não demorou muito tempo que P.<sup>e</sup> João não transpuzesse os áditos da ecclesiastica camara e direito, se dirigisse ao funcionario apontado, expondo logo o que queria, rapida e rudemente, sem reticencias, como se tractara do mais inoffensivo e legal dos requerimentos!

— ... De maneira que eu preciso de que o Senhor me passe uma certidão falsa, terminou elle.

— Diabo! O senhor sempre tem cada uma! volveu o funcionario n'um coçar de cabeça que já dizia que a coisa não era de todo impossivel. Isso é de muita responsabilidade! Pode-me entalar!...

— Mas é que eu não venho sósinho. Trago aqui uma peça de 8 mil reis, homem! Eu dou-lhe a peça e o senhor dá-me a certidão falsa e está tudo acabado!

O outro poz-se a rosar, fitando ora o proponente, ora a secretaria, ora abanando a cabeça, ora coçando-a de novo, até que:

— Bem, decidi, deixe ficar a peça e venha pela certidão amanhã.

P.<sup>e</sup> João pousou a reluzente peça e sahiu tão triumphante que não escondeu a sua alegria ao companheiro.

— E tu deixaste-lhe a peça? perguntou este ultimo a certa altura da narrativa.

— Pois está claro que deixei, e amanhã venho pela certidão.

— Pois fizestel-a fresca. O homem joga esta noite a peça e amanhã não tornas a vêr nem a peça nem o papel!

P.<sup>e</sup> João ficou como se um raio lhe cahisse a dois passos!

— Não, isso não! Essa não m'a préga elle que eu vou já fallar-lhe!

E sem dar mais um segundo a observações do companheiro, tornou a entrar na repartição compondo sem difficuldade, como é de prevêr, uma carêta de afflicto, e indo direito ao detentor da sua rica peça de 8 mil reis.

— Acaba de me aconfezer uma dos dianhos!

— Então?

— E' que me lembrei de que essa peça foi o dote de minha mãe, sabe? Deu-lh'a meu avô ás escondidas quando se casou e ella tem-na em muita estimação.

— E depois?

— Depois é que ella se dá pela falta da peça — porque eu peguei n'ella sem lhe dizer nada — fica para lá triste como a noite, homem! E eu francamente penou-me tanto esta alembança que pedi alli a um amigo doze pintos... Ao sr. tanto lhe dá ficar com doze pintos como com uma peça de 8 mil reis, não é assim?

— Sim, não ha duvida... vale o mesmo.

— Pois é isso, o sr. dá-me a peça e eu dou-lhe os doze pintos... Tem-na ahi?

O funcionario metteu a mão ao bolso e tirou a peça. O padre fitou-a devoradoramente.

— Tome-a lá, e dê cá os doze pintos.

P.<sup>e</sup> João sopesou a peça na palma da sua larga manápol de camponio.

— E' a mesma? perguntou duvidoso.

— Pois está visto que é, que a mim, ninguem me deu mais nenhuma, ora essa é que muito boa!

— Não se tracta d'isso... E' que minha mãe tem-na muito marcadinha e se não fosse a mesma, ficava eu compromettido!

— Ah! ... sim senhor... retorquiu o outro já um tanto enfastiado d'aquellas trocas e destrocas da peça de 8 mil reis, e vendo P.<sup>e</sup> João a enfiar-a apressado pela bocca da algibeira.

— Então estamos entendidos, disse P.<sup>e</sup> João, radiante por ter rehavido o seu thesouro e ganho a partida. Eu vou dar os doze pintos a quem m'os emprestou, salto a casa trocar esta moeda por outra, e amanhã cá estou pela certidão. Que seja bem feita, entendeu? Ora passe muito bem e Deus o ajude!

E safou se pela porta fóra.

O funcionario attonito não pôde fugir-lhe a um:

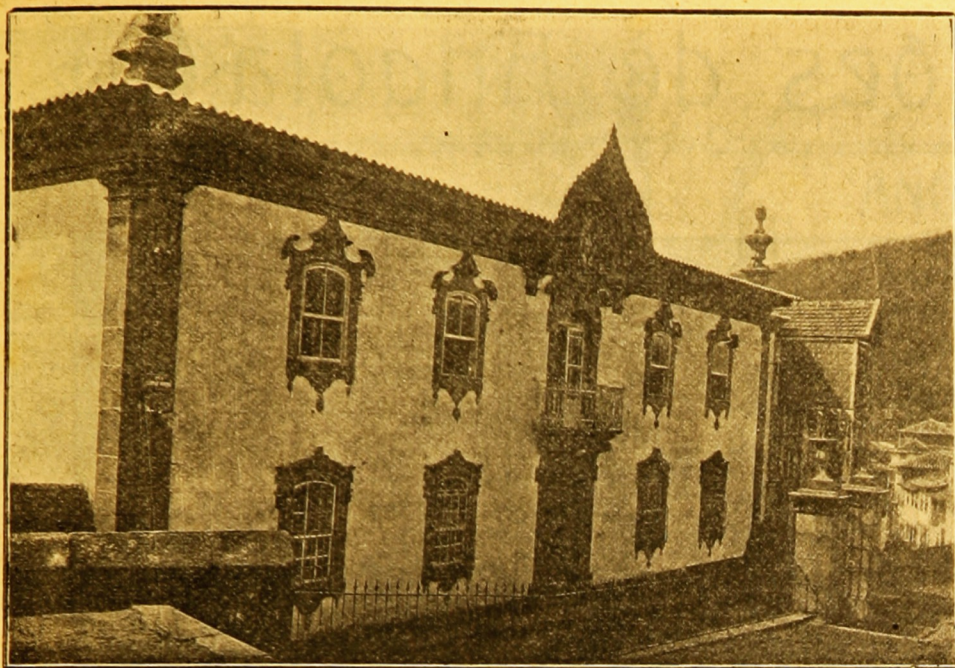
— Adeus, até amanhã. Mas não percebendo nada d'aquella trapalhada, accrescentou:

— O homem será fálto de juizo?

Depois recordando o geitão d'aquella peça á mesa do jogo, começou a escrever a certidão, falsa como Judas!...

(1) Aqui o nome d'um funcionario da Camara Ecclesiastica, que no geral (outros tempos!) só era Camara e mais nada.





*O Hospital da Santa Casa da Misericórdia*

Esta villa cheia de tradições, é muito saudavel, commercial e laboriosa.

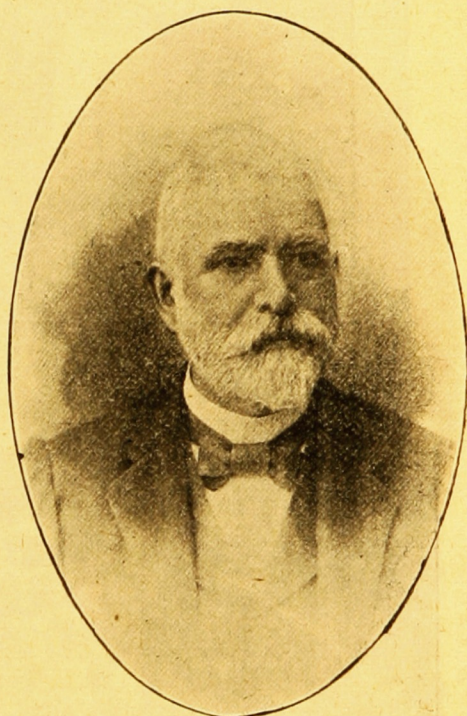
Tem alguns monumentos dignos de menção.

São : a igreja de S. Nicolau pela sua obra de talha dourada, formoso pulpito e tumulos, especialmente os que existem fora do templo, pela sua remota antiguidade

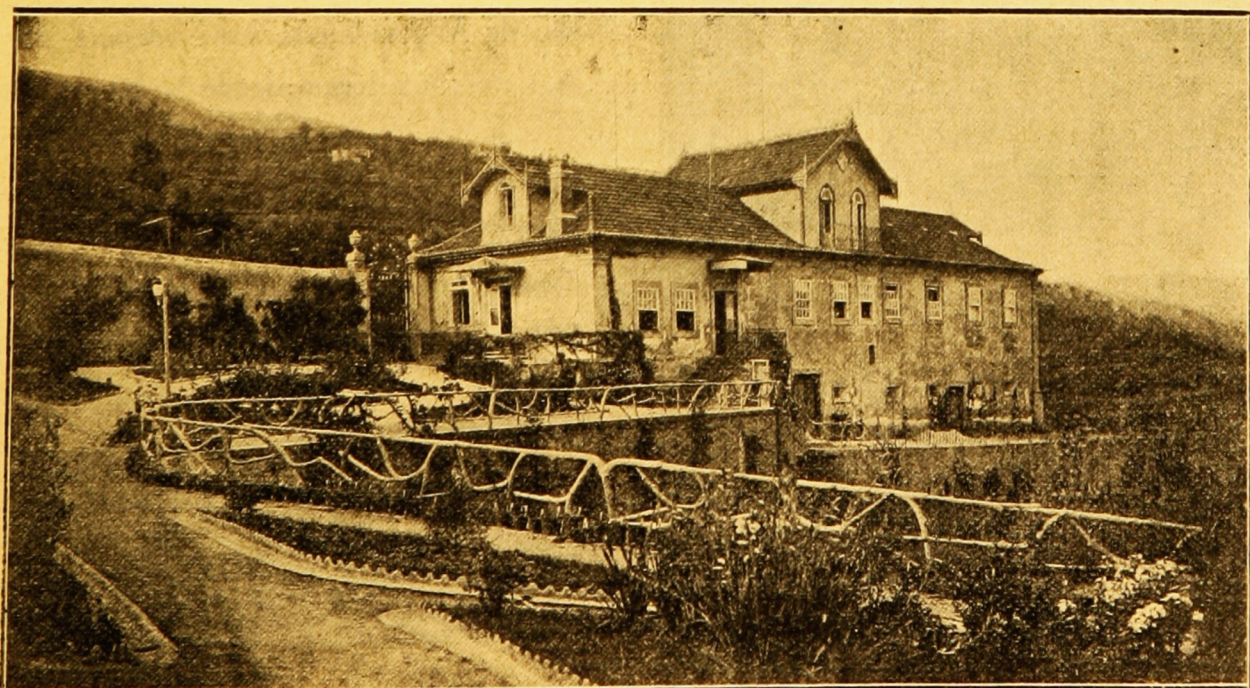
A igreja de S. Catarina antigo convento, hoje sede de varios estabelecimentos publicos.

O hospital, edificio de curiosa apparencia e que hoje aqui publicamos.

Ha os solares das casas Picota (Azevedo Lobos) e Rede.



*O Sr. Francisco de Sampaio Moreira, benemerito do hospital de Mesão Frio, que ultimamente doou dois contos de reis áquella casa*



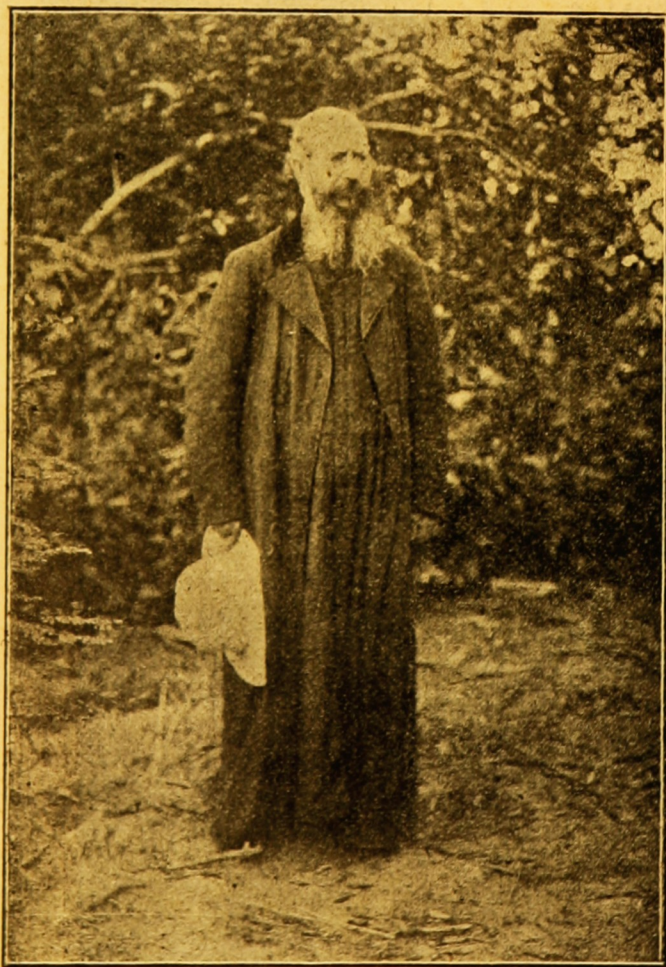
*A residencia do Sr. Domingos Monteiro Pereira*



# Missões de Angola



LUNDA - O Superior da missão P. Luiz Cancelli e alguns amigos



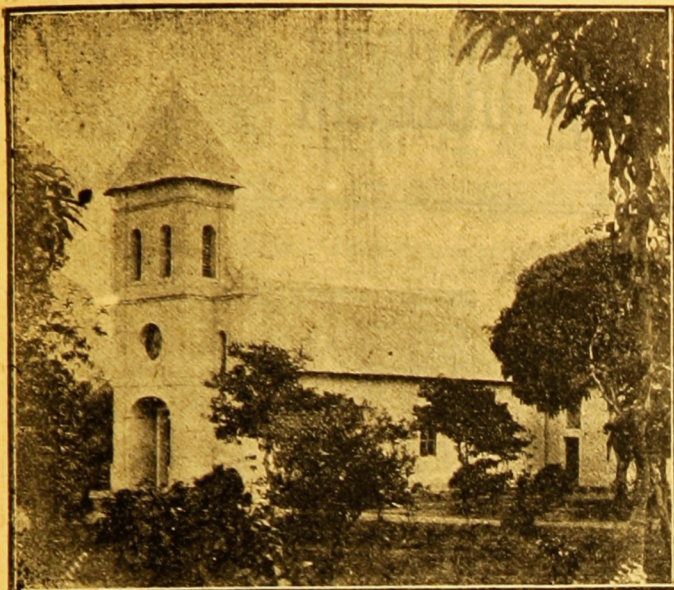
P. Luiz Cancelli, vigário geral de Lunda e superior da missão da circunscricção

No dia do Pentecostes foi benzida e solenemente aberta ao culto a igreja da nova missão catholica dos Bângalas. E' um templo elegante para terras de Africa. Fica perto do rio Lúi, no districto da Lunda, e domina metade da região dos Bângalas, tão falados na occupação de Angola ainda hoje, depois dos trabalhos que nos deram desde 1850 por diante.

A missão foi criada em 1913, como estação missionária destacada da missão central de Malange, a que pertence. Foi fundado pelo dedicado vigário geral do districto, missionário P. Luiz Lourenço Cancelli, que, apesar dos seus annos e das suas barbas brancas, se tem consagrado com inteiro zelo e amor á obra da evangelização angolana.

A igreja foi tambem construida sob a sua direcção, e pelo pessoal da missão de Malange.



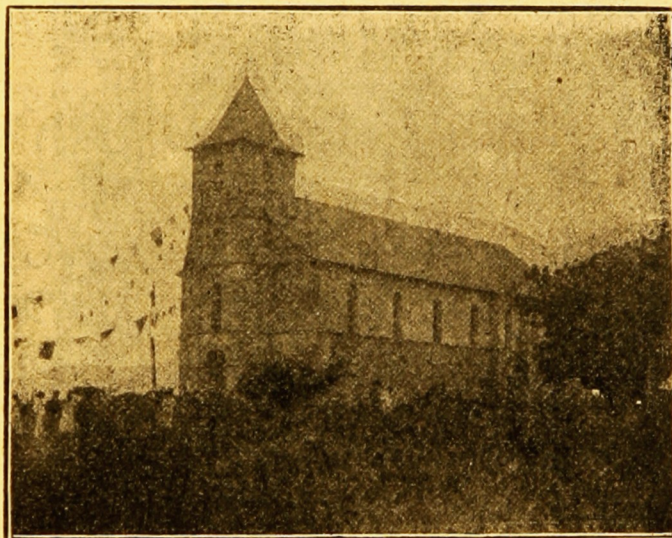


## ANGOLA--LUTDA

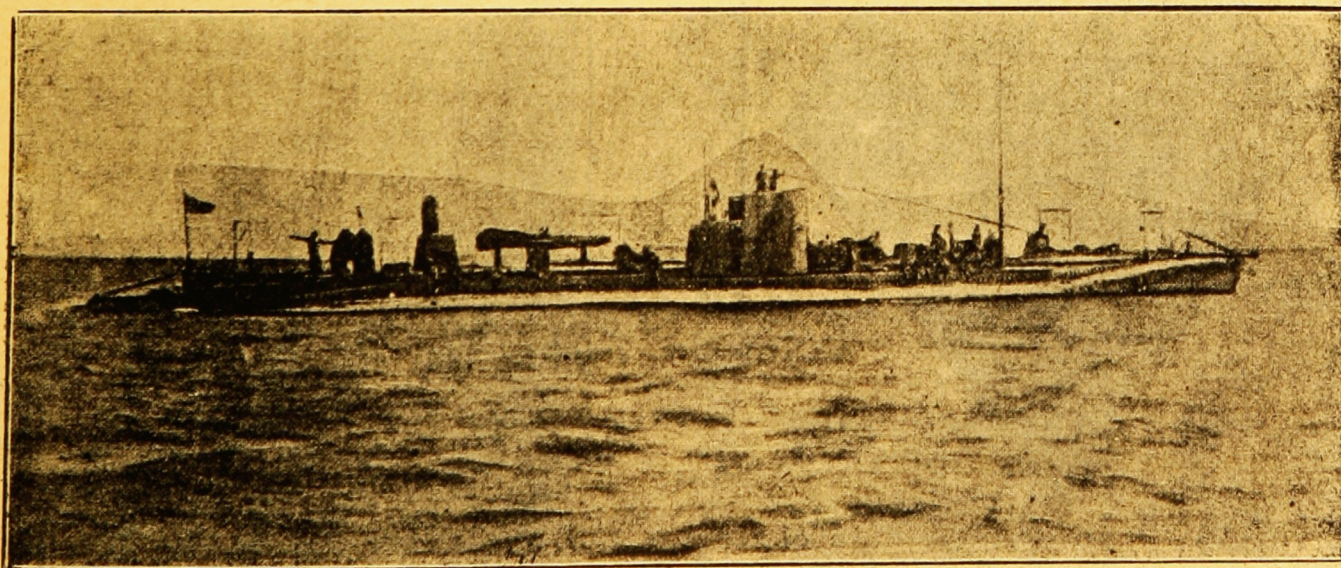
*Igreja da Missão do Malange.  
Missão central.*



*Igreja da Missão de Bãngalla*



## Evasão de um submarino alemão



*O submarino alemão «U-293» que entrou em Cadiz em 9 de Setembro, deste anno: fora internado no Arsenal de La Carraca, mas zumbando da vigilância de que era objecto, fugiu do mesmo Arsenal recentemente*



# PORTUGUEZES NA GUERRA



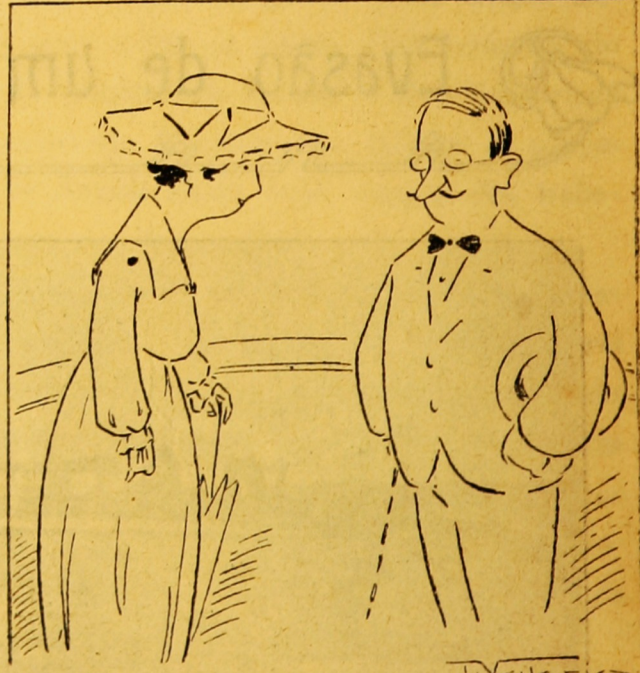
P. Antonio A. Coelho. capellão militar



P. Jacintho d'Almeida Motta, capellão militar



Vicente Antonio dos Santos. 2.º sargento de infantaria 8, actualmente na frente de batalha

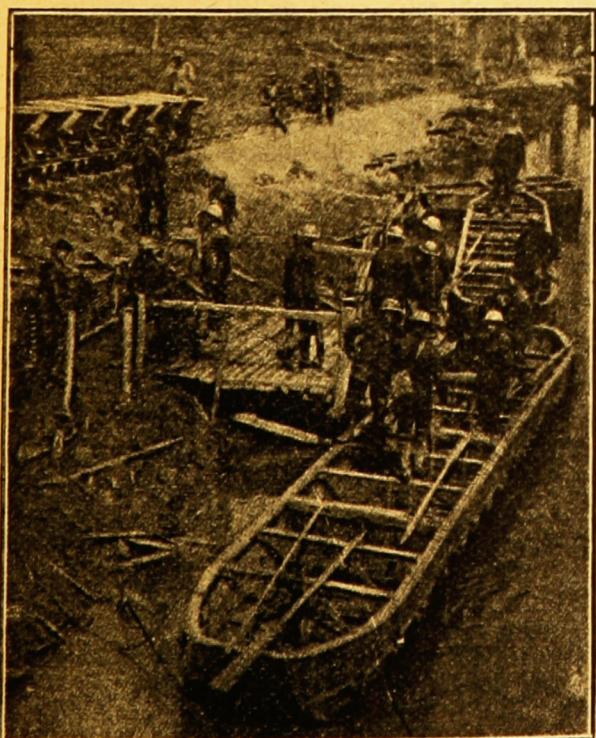
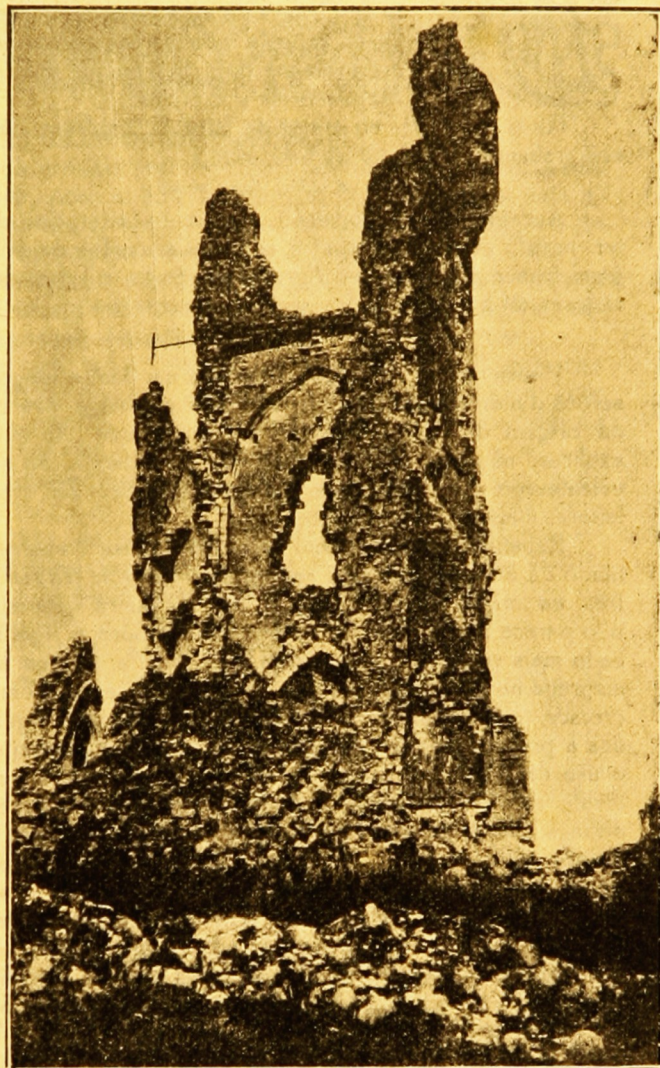
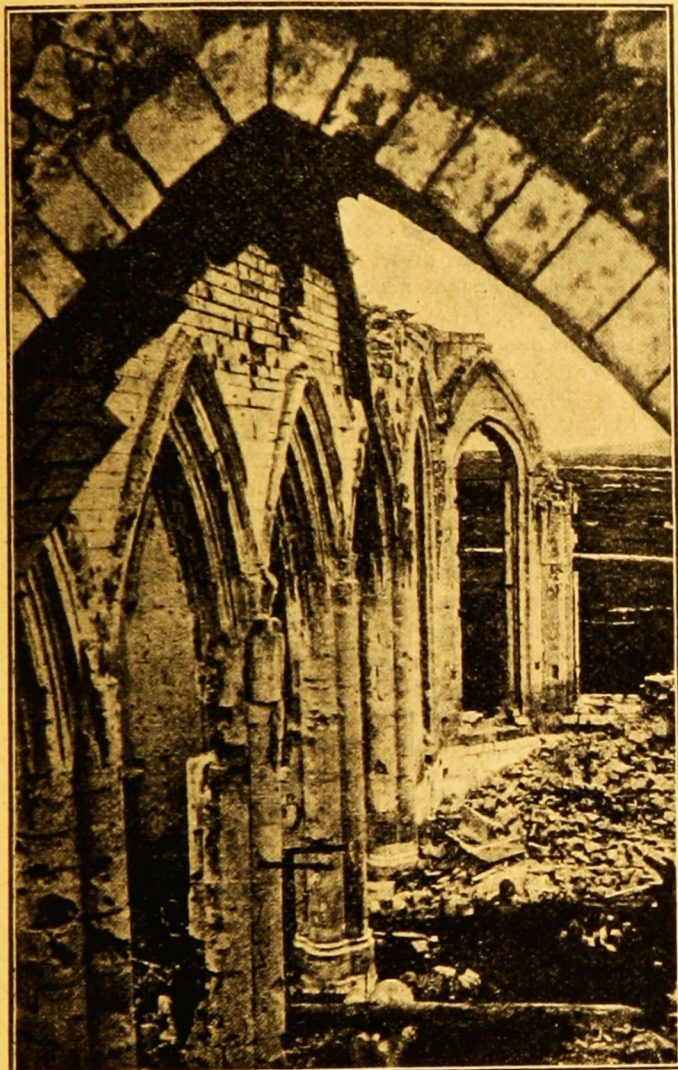


- E sua mulher ajuda-o nos seus trabalhos litterarios?  
 - Muito! Ajuda-me a gastar o que eu ganho com elles...





# GUERRA EUROPEIA



*As ruínas de duas belas igrejas do Norte da França, e que assim foram encontradas pelos ingleses apoz a retirada das tropas allemãs d'aquelle povoado.*

*Soldados ingleses transportando material de guerra nos barcos regionaes.*



# SERÕES AMENOS

DE FREY GIL DA SOLEDADE,  
EGRESSO DA FALPERRA.

Aventuras do alphabeto

VIII



MANIFESTA-SE o exercito! A proposito da *Origem do alphabeto* de Steenackers, exposta nos serões passados, escrevem-me dois homens de armas. Manifesta-se o exercito!

Foi o caso que, ao tratar da letra *F*, confessei não comprehender o calemburgo do verso:

*L'F naître au milieu des Croisés.*

Aventando a supposição, que tudo aclararia, de ter havido algum *Lesfenestre* entre os cruzados de origem francesa. E vae um *Egresso da tropa*, ali dos arredores do berço da outra *senhora* escreve-me:

Rev.<sup>mo</sup> Snr.

Permitta-me V. R. que aproveite um dêstes longos serões d'aldeia para caturrar um pouco consigo. acerca da origem da letra *F*. que V. R. certamente não quiz explicar, não por não ter atinado com a decifração do calemburgo, mas sim para aguçar o ingenho dos seus leitores mais dados ao francez.

Repetindo alto o ultimo verso da quadra e abstrahindo da orthographia, verá *«en pleine Palestine les fenêtres au milieu des croisés.»* Se á primeira vista isto não parece muito certo, advirta-se que embora o significado mais vulgar de *fenêtre* seja o de *janella*, tambem se emprega no sentido de *vidraça*, ou caixilho, assim como *croisée*, que geralmente é *caixilho*, por estensão significa a propria janella. Parece-me ter já lido algures que o uso da palavra *croisée* proveiu da cruz de pedra que divide em quatro compartimentos algumas janellas medievaeas. Se os affazeres de V. R. o levarem algum dia á vizinha villa de Barcellos, verá, quer nas ruinas dos paços dos duques de Barcellos, quer na curiosa casa dos Pinheiros, que lhes fica fronteira, exemplares perfectos desse typo de janellas. Diz F. Cooper numa das suas obras, que essa cruz de pedra nas janellas proveiu dum piedoso uso dos Cruzados, uso que se perpetuou sobretudo em Inglaterra, embora a sua origem e significado esquecessem com o andar dos tempos, a ponto que os puritanos, primeiros emigrantes na America do Norte, enquanto cobriam os olhos com horror quando viam êste signal sagrado numa igreja, eram assaz ignorantes para collocarem cruces em todas as janellas. E por aqui fico, que já basta de *croisés* e *croisées*. Recomenda-se a V. Paternidade êste — *Egresso da trapa*.

Ao mesmo tempo chegou das Caldas da Rainha êste mimo:

Frey Gil da Soledade,

Os teus serões amenos  
São deliciosos, são: pena é se não penetras  
do *F*. as allusões. A mim, pygmeu, ao menos  
parece o decifrei nessa *Origem das letras*.

E mudando de metro:

O *F* teve origem nas cantadas  
excursões contra o Turco á Palestina:  
Já na cidade, após lucta ferina  
*Janellas* Bulhão viu entre *sacadas*!

*Salta Barrancos.*

Pois amigo *Salta Barrancos*: ao saltar olhe lá se cae! Nessa idade, quer-se muito socêgo, cautela e... serões de frey Gil, succedaneo economico dos caldos de gallinha que estão caros como fogo. Não me foi difficil descobrir-lhe as dragonas da patente superior, atravez das iniciaes S. B... Porisso estou agora como o Filinto Elisio quando rompia:

Lembras-me, amigo Brito, quando a pluma  
para escrever magnanimo mencio...

Ora vamos a pelejar com os dois egressos da tropa.

Abalou-me um tanto, mas não me convenceu, a epistola do *Egresso*. que concorda pouco mais ou menos com a explicação que dá o *amigo Brito*, digo: *Salta Barrancos*. Não contesto que *fenêtre* possa ser caixilho, nem que *croisée* possa por vezes ser janella. O que acho estranho é que no mesmo verso o auctor, felicissimo e simples na engenhosa explicação das outras letras, forçasse tanto a significação das palavras!

A quadra toda pretende levar-nos ás cruzadas, porque se fosse apenas necessaria a referencia ás *croisés* escusado era falar em Palestina. Mais: reparem os meus amigos que o auctor nunca usou *dois* equivocos no mesmo verso, e aqui teriamos dois: *Fnaître=les fenêtres*, e *croisés=croisées*.

Quanto ás *sacadas*, por *croisées*, amigo S. *Barrancos*, temos conversado! Defenderei a minha opinião com a tenacidade e astucia dum Boemundo! Quando perguntei se haveria algum *Lesfenestre* entre os cruzados, cá tinha as minhas razões. E' que sei que ha em França, uma familia *Lafenestre*; um membro d'ella, foi membro do Instituto de França, (citei-o em 1910 na minha *Quaresma anticlerical*, pag. 44); não repugna, pois, que haja ou tenha havido *Lesfenestres* tambem (sabido é que este nome se lê *léfenêtre*). Nos sete volumes da *Historia des Croisades*, rapidamente folheados, não no vi. Esperemos ainda... Entretanto as *janellas caixilhos* ou as *janellas* entre *sacadas*, não me passam á guela! Antes uma cavaca da Julia Reis, das Caldas...

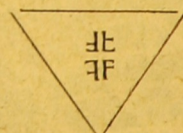
Ora já que os meus amigos me moveram objecções por via do *F*, sempre lhes direi que é letra de minha particular embirra. E' arisca, só se dá, entre nós, com o *L* e o *R*: custou a aclimar-se, no alphabeto latino porque foi uma das 3 que o imperador Claudio quiz introduzir em Roma, entrando ás cambalhotas; TERMINA]IT, AMPLIA]IT, etc nos monumentos; e foi uma das 4 que deram agua pela barba a Chilperico I, quando a quiz impôr aos francos—como os amigos podem ver por miudos no tomo II, pag. 47 a 65 da monumental *Diplomatica* dos Benedictinos.

Depois, vae ahi entre gente de letras gordas um sarilho levado do Inimigo, para se saber se é *phava* ou *fava*, *phosforo* ou *fosforo*...

Para os chimicos antigos, (como se vê em Nazario, citado por Bluteau) FFFFF queriam dizer: *Fome*, *Frio*, *Fedor*, *Fadiga* e *Fumo*! Uma calamidade! Verdade é que para os alchimistas eram: *Felicidade*, *Fado*, *Faculdades*, *Fama* e *Favor*—coisas muito para apetecidas!

A Guarda é a cidade dos FFFF que lá dizem ser: *Forte*, *Fria*, *Farta* e *Feia*. Parece que dos quatro, só lhe continuam competindo hoje o segundo e o quarto...

Deus conceda a cada um de nós as quatro qualidades que as sociedades gymnasticas allemãs symbolizaram neste seu distinctivo. Seja cada um de nós



que significa: *Frisch*, *Frei*, *Froh*, *Fromm*: fresco, livre, alegre e piedoso!

Amen!



# Recrudescimento da fé

POR EDUARDO DE NORONHA



O presente conflicto, embate dos mais egoistas interesses commerciaes que tem afitado a Humanidade, resoltou desde o principio — como hão de resoltar outros do fim, que a olhos vistos se approxima — um invejavel crudescimento de fé. Todos os choques sangrentos, seja qual fôr a sua origem, determinam um intenso fervor de crença.

Entre as figuras grandiosas do clero, que a actual conflagração tem erguido n'um pedestavel nobilissimo, e que a Prosteridade ainda mais alto ha de erguer, sobresae a do cardeal Mercier, primaz da Belgica. Paiz catholico, por excellencia, o arcebispo de Malines constitue o exemplo vivo e tangivel da immensa, da extraordinaria força moral que representa a fé, acrisolada pelo amor da patria.

O incidente occorrido ha pouco demonstra-o como um exemplo inolvidavel.

Na igreja de Santa Gudula, em Bruxellas, celebrava-se um serviço fúnebre em memoria dos soldados belgas mortos em combate. O cardeal Mercier, com a sua habitual independencia e patriotismo, prega um sermão no qual desenvolve o vericulo: «Jerusalem, volvida em habitações de estrangeiros, os seus dias de festa são dias de luto.» Enquanto orou a sua palavra calma e inspirada, originou o mais profundo silencio. Concluida a oração, á sahida do templo, a multidão victória o prelado delirantemente e segue-se-lhe uma ruidosa manifestação patriótica. O governo militar allemão, sem demora, condemna a municipalidade a pagar uma multa de um milhão de marcos.

A *Gazeta do Rheno da Westphalia*, depois de noticiar a emergencia, explica: «O governo imperial não levanta obstaculos a que o cardeal prosiga, no que chama a sua evangelização, sem castigo; issoal: não faz mais que sancionar as consequencia das suas excitações, sem responder ao desejo que tem de ser paramentado com a palma do martyrio.»

Em redor d'essa imponente figura de ancião, illuminada pela mais bella auréola que pode nimbrar a frente de um sacerdote, chovem as perseguições. Quizeram-ne isolar no seu arcebispadado; tentaram inflingir-lhe as penas de prisão e de deportação; negociaram em Roma s seu afastamento; injuriaram-n'o, insultaram-n'o na imprensa; tudo deligenciaram a fim de o intimidar. Na sua fé inabalavel, a sua voz sonora e firme, cada vez representa mais insimante e conveniente na alma da Belgica. A fidelidade arreigada aos principios de sacerdocio, a esperanza n'um futuro dos seus compatriotas outorgam lhe um poder que desequilibra e perturba o dos invasores.

Como não conseguem debelar nem attenuar sequer a serena e incommensuravel energia do cardeal Mercier, a cada explosão de patriotismo provocado pela sua vehemencia patriótica multiplicam-se as multas. O glorioso velho encontra-se em frente d'este dilemma: ou as cidades a cahir em ruinas, minadas pela miseria, attribuladas por uma existencia difficilissima tem de pagar com o seu derradeiro obulo o balsamo da sua palavra consoladora; ou elle, que nunca se arreceou de represalias, que nunca retrocedeu ante qualquer ameaça, se vê, por commiseração, por dó dos seus conterraneos, obrigado, a emmudecer, a deixar de cumprir o seu sacratissimo apostolado.

Mais exemplos do crudescimento da fé e bem frisan'es.

N'uma cidade franceza da fronteira encontram-se forças importantes. Vão partir para se defrontar com o inimigo. O general commandante organiza uma cerimonia adequada. O prefeito (governador civil) esquecendo propositadamente a lei da separação, convida o bispo a entrar para a improvisada tribuna, reservada ás auctoridades. Discursa o prefeito, fala o general e discreteia por fim o prelado, accentuando o seu entusiasmo pela victoria e solicitando o favor de Deus para as bandeiras ahi desfraldadas. No momento da marcha, o general acerca-se do bispo, em pé á direita do prefeito, e pede-lhe que abençoe os symbolos da patria. As baterias de 75, enramadas de flores, desfilam a galope. Sobre ellas, n'uma ademane de pontifice, o bispo estende os braços e assim os conserva n'uma suprema benção. Não houve um unico espectador da scena que não se descobrisse, nem uma unica pessoa que não batesse estralejantes palmas.

Guarnece a cidade de Niort um regimento de hussares. Vem ordem para se dirigir para a fronteira. O prior da freguezia de Santo André, que não frequenta o circulo militar, recebe convite do tenente T. . . , presidente, para ahi comparecer. Toda a officialidade se reunira ali. Na sala principal, desdobrados em cima da mesa, ostentam-se os tres estandartes do corpo. O coronel n'uma rapida exhortação, pede ao sacerdote que abençoe as armas dos que vão combater. O prior responde felicitando os officiaes, agradece-lhes o exemplo de intrepidez que hatenteiam a todos, e resume os seus votos na phrase de Joanna d'Arc: «Os homens de armas batalharão e Deus dará a victoria». O commandante manda desembainhar as espadas. Prolongam-se n'um resolutivo movimento de coragem por cima dos estandartes. O sacerdote préga os olhos no alto, impõe as mãos no gesto liturgico da unção e pronuncia a benção das armas.

Para concluir:

Um rabino, natural de Lyão, M. Bloch, acode após um renhido combate, e ainda na zona perigosa, aos feridos que jazem no terreno, aos milhares. Rebenta perto uma granada. Os estilhaços mutilam o desditoso israelita. Este chama em seu soccorro um padre catholico, ali proximo, no desempenho da mesma piedosa tarefa. Acorre o capellão de Christo com a maxima pressa e prodigaliza os possiveis desvelos ao moribundo. Este, já com as pupillas apagadas pelas primeiras sombras da morte, a custo balbucia:

—Abençoe-me.

O padre catholico, sem ouvir o fragmentar dos projecteis que detonam em redor de si, n'um sinistro e amedrontador côro de exterminio, articula vagarosamente as palavras sagradas do ritual, abençoa o sacerdote hebraico, e de joelhos, reza até a ultima palavra a oração dos mortos.



# Episodios russos

POR MANUEL SEMBLANO



Imperador assistia, com o seu primeiro ministro Stolypine, á representação da opera de Rinsky-Korsakoff, *Tsar e Sultão*. O excellente patriota Nicolau II nunca deixou de proteger a arte slava. E, embora tivesse uma admiração muito particular pela musica allemã e pela musica franceza, gostava sempre de ouvir uma d'essas mysteriosas composições da alma russa, onde não se sabe bem o que mais admirar, se a exalação, se o desespero, se o mysticismo...

Aquella noite de gala fazia parte dos brilhantes festejos consagrados pela antiga cidade de Siero á memoria do tzar Alexandre III, a quem erigiu um monumento. A sala regorgitava do elemento official; toda a nobreza feminina de S. Petersburgo e de Moscow em *toilettes* confeccionadas *chez* Redfern e *chez* Paquin, imprimia uma distincção muito particular á *soirée*.

Ora n'um intervallo, quando Sua Magestade passeava no salão de espera e toda a gente, aproveitando o entre-acto, se distrahia, o advogado Bogroff, avançou rapidamente d'um *fauteil* de orchestra, desfechando o revólver duas vezes contra Stolypine. Produziu-se, como é natural, enorme confusão na faustosa assembleia. Mas durou apenas um momento. A policia, alguns officiaes e espectadores cresceram sobre o anarchista Bogroff e amordaçaram-no.

O Imperador, ao ouvir as denotações, dirigiu-se logo para a sala. E viu-se este espectáculo grandioso e emocionante. O primeiro ministro fez o signal da cruz em direcção ao camarote imperial—a ultima prova de fidelidade ao seu senhor e amo — e cahiu alagado em sangue. Toda a sala de pé acclamou o Imperador que, muito pálido cercado de suas filhas, inclinava magestosamente a cabeça. Levantou-se o panno do theatro. A companhia, de joelhos, cantou o hymno *Boje Tsara Krani* (á gloria do Tzar) com a solemnidade grave d'um cantico religioso. O entusiasmo concentrou-se. Dignitarios do paço, grã-duquezas, mundanas, actrizes celebres, estudantes, soldados, mulheres do povo — tudo ajoelhou. A frente do camarote, muito solemne, muito hirto, muito pálido, no seu branco e sumptuoso uniforme, cercado das princezas suas filhas, Nicolau II inclinava commoivamente a cabeça...

Ha o segundo attentado contra Stolypine e o centesimo contra as instituições.

Cinco annos antes a sua casa de campo, nailha dos Apolicarios, tinha sido arrazada pelos nihilistas e debaixo dos escombros fumegantes ficara uma creança, horrivelmente mutilada. Ferido na sua alma de patriota e de pae Stolypine resistiu ás machinações terroristas, conservando-se no seu posto de honra, ao lado do Imperador. Foi a sua fidelidade que o matou. Ferido pelo advogado Bogroff com dois tiros de revólver declarou-se uma peritonite. D'esta vez Nicolau II perdia um grande amigo e a Russia um grande servidor...

... Mas ainda bem que o exemplo de Stolypine não esqueceu completamente. A despedida de Tsarskoië-Selo as guardas choravam—como á despedida de Fontainebleau. O Imperador já não é soberano, chama-se simplesmente Nicolau Romanoff, e desterraram-no, como um criminoso, para o *governo* de Tobolsk, na Siberia longinqua...

Havia festas ruidosas no Palacio Real de Buckingham, enquanto se desenrolava uma grande tragedia no Palacio imperial de Tsarskoië-Selo...

Mas os camponezes de Tobolsk, como os espectadores de Kiew, ajoelham e cantam o *Boje Tsara Krani*,

E em todas as *isbas*, no desconforto das lareiras sem lume e das eiras sem pão, sob a atmospheria maldita e regelada, cem milhões de *moujicks* continuam a resar pelo *Paë*....



# LIVRARIA CRUZ

## BRAGA

Telephone n.º 29

Telegramas: — **CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

### OFFICINAS

—DE—

## Esculptura em Madeira

—E—

### PINTURA

## Teixeira Fanzeres

RUA DO SOUTO 134—BRAGA

N'estas conhecidas officinas, executam-se com a maxima perfeição, imagens desde a miniatura ao tamanho natural. Esculpturas com magnifica pintura. Tem sempre em deposito um variado sortido de imagens, bem como banquetas, douradas, belas automaticas, jarras, sacras, sanctuarios, crucifixos e outros artigos religiosos. Encarrega-se em todo o paiz de altares, tribunas, decorações em qualquer estylo, e de todos os trabalhos pertencentes a este ramo d'arte.

Perfeição e nitidez em tudo

*Preços modicos*

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grèves, tumultos e roubos, segura a *Companhia Luzo-Brazileira de Seguros*

# SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião  
19-2.º—Tel. C. 2961. Banqueiros: Pinto & Sot-  
º-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povo-  
de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

José de Faria Machado

Rua do Souto 105-1.ª BRAGA

## Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos Harmoniuns, oculos, pincenez, binoculos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

**Aurelio Monteiro & C.ª**

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«*Illustração Catholica*» vende-se nesta casa, Numero avulso 300 rs. (moeda braz leira)



# Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

## Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com sunma brevidade e maxima economia.

*Tem anexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos «Echosdo Minho», e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com maxima rapidez, perfeição, e economia.*

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.<sup>e</sup> Villela & Irmão

**83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91**

(Antiga Rua da Rainha)

**BRAGA**